

# O EVANGELHO DE JUDAS: PROVOCAÇÕES TEOLÓGICAS

The Gospel of Judas: theological provocations

*Dr. José Neivaldo de Souza<sup>1</sup>*

## RESUMO

O objetivo é apresentar um estudo mais aprofundado do evangelho de Judas em relação ao seu contexto histórico-filosófico-religioso e à teologia cristã dos primeiros séculos. Propõe-se uma análise da obra: “O Evangelho de Judas”, por isso a prioridade será o texto em português, traduzido do inglês, pela editora Prestigio. Outras referências serão acrescentadas para um melhor entendimento do contexto e da teologia da época. Sabe-se que o Evangelho de Judas remete ao final do século II e início do III e trata da relação entre Judas e Jesus. Retoma uma questão já tratada por Irineu de Lião no segundo século: Judas, o traidor, foi protagonista na história da salvação ao trair Jesus e revelar o Espírito divino? Pergunta que, até hoje, suscita debates e provocações teológicas. Assim o texto se estrutura da seguinte forma: 1) Jesus revela os mistérios de Deus e da Humanidade; Judas o compreende; 2) as visões dos discípulos e a revelação de Jesus sobre a criação; 3) O ensino de Jesus sobre pecado e salvação e a traição de Judas.

**Palavras-chave:** Evangelho. Judas. Gnose. Teologia. Cristianismo.

---

<sup>1</sup> Doutor em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Mestre em Filosofia e Psicologia Clínica. Professor e orientador no programa de mestrado da FABAPAR - Faculdades Batista do Paraná (Curitiba). E-mail: [neivaldo.js@gmail.com](mailto:neivaldo.js@gmail.com).

## ABSTRACT

The objective of this writing is to present a more detailed of the Judas gospel in relation to its historical-philosophical-religious context and the Christian theology of the first centuries. It proposes an analysis of the work: “The Gospel of Judas”, so the priority will be the text in Portuguese, translated from English by Prestigio publisher. Other references will be added to better understand the context and the theology of the time. It is known that the Gospel of Judas refers to the late second century and early III and deals with the relationship between Judas and Jesus. Takes up an issue already addressed by Irenaeus of Lyons in the second century, Judas, the traitor, was the protagonist in the history of salvation to betray Jesus and reveal the divine Spirit? Question that today raises debates and theological provocations. So the text is structured: 1) Jesus reveals the mysteries of God and Humanity: Judas understands; 2) the views of the disciples and the revelation of Jesus on the establishment; 3) Jesus ‘teaching about sin and salvation and Judas’ betrayal.

**Keywords:** Gospel. Judas. Gnosis. Theology. Christianity.

## INTRODUÇÃO

Encontrado em 1978, junto a outros escritos, numa tumba egípcia,<sup>2</sup> o Evangelho de Judas Iscariotes, escrito em grego no início do segundo século e depois copiado em copta-egípcio por volta do século III e IV, foi publicado em maio de 2006 pela «Maecenas Foundation for Ancient Art» de Basileia (Suíça) e revista «National Geographic». São 26 páginas de papiro que, ao tratar da relação entre Judas e Jesus, retoma uma questão colocada à teologia cristã desde o seu início: Judas, o traidor, foi

---

2 Códice Tchacos: Uma carta de Pedro a Felipe (ou Códice de Nag-hammadi VIII) e o Apocalipse de Tiago (Códice Nag-Hamadi V) e o Livro de Alógeno.

protagonista na história da salvação ao trair Jesus e revelar o Espírito divino?

Onde estava o texto no período entre sua descoberta e sua publicação? Ele se encontra intacto? As informações são insuficientes, porém, segundo os editores, a obra fora vendida por Frieda Tchacos Nussberger, em setembro de 2000, ao antiquário Bruce Ferrini e, durante o tempo em que ficou ali, até ser readquirida por Frieda e a fundação Maecenas, teve partes deterioradas pela umidade e o congelamento. A água das fibras, antes de sua evaporação, migrou para a superfície do papel e a quantidade de pigmento escureceu a superfície de tal forma que dificultou sua leitura.<sup>3</sup>

Segundo R. Kasser, a recuperação do papiro foi um milagre, mas se deve também ao esforço e à delicadeza dos exegetas que, ao retomar o contexto histórico-literário de sua origem, contribuíram para que ela pudesse ser traduzida, facilitando sua leitura e compreensão.<sup>4</sup> São aproximadamente 680 linhas, das quais 45 desapareceram; 100 apresentaram perdas de palavras e 260 eram ilegíveis e tiveram que ser emendadas conforme as deduções dos tradutores e somente 275 eram legíveis, sem maiores problemas.<sup>5</sup>

Por que o texto fora traduzido para a língua cop-

---

3 Cf. KASSER, Rodolphe. “A história do Códice Tchacos e do Evangelho de Judas”. In: KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. **O Evangelho de Judas**. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Prestígio, 2006, p. 61-62.

4 O texto foi restaurado e traduzido na Universidade de Genebra pelo professor Rudolf Kasser e seus auxiliares e depois devolvido ao Museu Copta do Cairo.

5 Cf. GUSSO, Antonio Renato. “Evangelho de Judas” in **Via Teológica**. N. 14, Curitiba, FTBP, 2006, p. 107.

ta e qual sua importância para a cultura da época? Os gnósticos egípcios entendiam que a revelação dos mistérios se dava no Egito, o paraíso de Deus, conforme indica um texto *Sobre a Origem do Mundo*: “Estes grandes sinais só apareceram no Egito, e não em outras terras”.<sup>6</sup> Philip Jenkins afirma que, no século III, o Egito fora um exemplo de resistência religiosa ao investir na tradução e difusão da “mensagem cristã” em *Aigyptos*, língua originada dos construtores de pirâmides. Mais tarde estes hieróglifos foram traduzidos em dialetos coptas<sup>7</sup>, entre os quais está o Saídico,<sup>8</sup> utilizado nas liturgias coptas e nos escritos do evangelho de Judas.

Assim como outros escritos, descobertos em 1945, na vizinhança de Nag Hamadi, este chama atenção por seu valor literário e religioso, apesar de ter sido classificado como “apócrifo” pelos canônicos cristãos dos primeiros séculos. O seu gênero literário difere dos sinóticos, porém há alguns traços apocalípticos, assim como o evangelho de João.<sup>9</sup>

Esta obra, escondida durante muito tempo, foi recuperada, traduzida e revelada à humanidade como uma das maiores descobertas cristãs, por isso interessa a todos que se empenham em descobrir o contexto histórico-filosófico da Igreja nos primeiros séculos.

6 Cf. **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 421.

7 JENKINS, Philip. **A próxima cristandade**: a chegada do cristianismo global. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 40-41.

8 Uma mistura de letras gregas e letras derivadas dos hieróglifos.

9 Cf. KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. **O Evangelho de Judas**. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Prestígio, 2006, p. 31. É importante notar que a tradução portuguesa foi feita a partir do texto inglês.

Para a análise do conteúdo é importante observar que o evangelho de Judas é disposto em forma de drama onde as cenas se entrecruzam, trazendo certa tensão no diálogo dos protagonistas Jesus e Judas. Na primeira cena, Jesus “aparece” como mestre, revelando os mistérios de Deus e da humanidade; depois ele dialoga com os discípulos: ouve o relato de suas visões e revela o mistério da criação e, por fim, fala sobre o pecado e a salvação, levando Judas a se perceber como aquele que deveria trair Jesus e revelar o espírito escondido ali.

Como o propósito deste estudo é fazer uma análise do evangelho de Judas, optou-se por dar prioridade ao texto, porém outras referências serão fundamentais para aprofundar o contexto e a teologia do texto. Dito isso, para esta análise alguns tópicos devem ser ressaltados: 1) O evangelho de Judas como um drama; 2) O contexto histórico-filosófico do texto; 3) O confronto de teologias: gnosticismo e ortodoxia cristã.

## **1. O EVANGELHO DE JUDAS COMO UM DRAMA**

Aparecem neste texto alguns temas, caros à teologia cristã, como: criação, pecado e salvação. As cenas principais são bem identificadas: Jesus “aparece” na terra (33)<sup>10</sup> e “revela” os mistérios de Deus e da humanidade (34-37); as visões dos discípulos e a interpretação de Jesus (38-46); Jesus ensina a Judas sobre a criação (47-53); fala aos discípulos sobre o pecado dos maus e a salvação (54-57); a traição de Judas (58). Conforme estas cenas,

---

10 As páginas se referem ao original.

a análise a seguir se desenvolverá da seguinte forma: 1) Jesus revela os mistérios de Deus e da Humanidade: Judas o compreende; 2) as visões dos discípulos e a revelação de Jesus sobre a criação; 3) O ensino de Jesus sobre pecado e salvação e a traição de Judas.

### **1.1 Jesus revela os mistérios de Deus e da Humanidade: Judas os compreende**

Nesta cena Jesus está à mesa e, de forma irônica, aponta para alguns equívocos que há na fala e nos gestos dos discípulos: eles oram, agradecendo o pão e dizem que Jesus é o “filho de Deus”. O riso de Jesus é contestador e aponta para dois erros: 1) eles oram a uma divindade inferior, o demiurgo, criador “deste mundo” e provedor do trigo e do pão, mas não ao verdadeiro Deus do qual o mestre é mensageiro; 2) eles dizem ser Jesus o filho de Deus, o Messias anunciado no Antigo Testamento. O texto não menciona, mas deixa a impressão de que Jesus revela algo inusitado aos discípulos: “nenhuma das gerações” daqueles que estão ali o conhecerá. Esta geração, representada pelos discípulos, diferente da geração de Seth, a qual Judas representa, não conhecerá a origem divina de Jesus.

À ironia do mestre, os discípulos respondem com irritação e blasfêmias, mostrando com isso o quanto são ignorantes em relação à realidade espiritual. Diante desta reação, Jesus observa que a causa da ira e de toda agitação é a divindade que habita neles e os desafia a conhecerem e superarem a si mesmos, vencendo a perturbação e

a violência. Por outro lado, Judas entra em cena e parece superior aos colegas, ao se mostrar conhecedor da realidade espiritual: “Eu sei quem és e de onde vieste. És do reino imortal de Barbelo”.<sup>11</sup> Judas tem a consciência de que não é digno de tamanha obra revelada a ele: Deus não se submete à criação, nem ao ser humano e tampouco aos nomes que atribuem a ele.

No final da cena, Jesus escolhe Judas, a quem ele deve revelar “os mistérios do Reino”. Dá a entender que os outros não se converterão a Deus, pelo contrário, continuarão adorando o deus inferior, criador deste mundo. Esta eleição levará à perseguição e substituição de Judas.<sup>12</sup> Ao se deparar com esta declaração, Judas inquire ao mestre sobre as revelações definitivas.

## **1.2 As visões dos discípulos e o ensino sobre a criação**

Nesta cena, Jesus “desaparece” à noite e “reaparece” pela manhã, o que deixa os discípulos intrigados: “Mestre, onde foste e o que fizeste quando nos deixou?” Jesus revela que fora à “Geração suprema e sagrada”, à qual ninguém “desta” geração, por causa da queda e das ilusões, vai se associar.

Os discípulos, reagindo à revelação do mestre, contam então suas visões<sup>13</sup>: viram uma multidão numa grande casa oferecendo sacrifícios de animais e, diante dos sacerdotes que os recebiam no altar, evocavam o nome

11 Em setiano “Barbelo” é Providência infinita do Pai.

12 Sucessão de Judas: At 1.15-26.

13 Provavelmente eram sonhos, uma das formas de visões.

de Jesus: eram filhos, esposas, homossexuais, assassinos, contraventores da lei e pecadores em geral. Judas, por outro lado, relata sua visão: Ao fugir do apedrejamento e da perseguição dos colegas, chegou a um local onde encontrou o mestre e, atrás dele, uma imensa casa cujos olhos “não foram capazes [de compreender] seu tamanho”. Ao redor deste lugar estavam os santos e no seu interior uma grande multidão. O texto não traz mais detalhes sobre esta visão, pois nesta parte o material foi deteriorado e duas linhas foram totalmente perdidas, mas o desfecho está no fato de que Judas pede a Jesus que o aceite “junto com estas pessoas”.

Jesus interpreta os relatos. Aos discípulos observa que os sacerdotes plantam árvores sem frutos e que o deus a quem eles servem também não produz frutos. Os sacerdotes e o sacrifício do gado nada mais são senão os próprios discípulos conduzindo uma multidão ao mal. O mestre determina aos discípulos que “parem de sacrificar”. De forma diferente, Jesus interpreta a visão de Judas observando que a casa figura o local reservado aos santos e, portanto, é um campo sagrado onde ninguém é digno de entrar. Judas indaga ao mestre sobre sua condição diante da “geração sagrada” e o mestre lhe responde falando do sofrimento que iria passar “nos últimos dias” e sua ascensão.

As duas interpretações de Jesus apontam para as duas realidades: a realidade terrena dos que permanecem na ignorância e jamais ascenderão, pois insistem em adorar ao deus governante deste mundo, e a realidade dos

iluminados, à qual pertence Judas e os conhecedores dos mistérios. Esta cena traz a ideia de que a salvação não consiste em dar graças pelo mundo e nem aceitar que “esta criação” é boa, mas em negar este “cárcere” que se estende ao corpo. Neste caso, a boa nova do mistério da salvação, da qual Jesus é portador, é revelada somente aos que podem compreender.

O ensino sobre a criação. Judas foi o escolhido para compreender os mistérios da criação. Se o número doze expressa “esta geração” ligada ao deus menor, o treze suplanta esta realidade e diz respeito à comunidade espiritual e eterna do verdadeiro Deus. Sobre a criação do céu e de Adão incorruptível, Jesus explica como se deu: o Espírito “apareceu” em uma nuvem luminosa e ordenou a existência de um anjo, ou *autógeno*, do qual surgiram quatro anjos cuja função era a de servir ao criador. Em seguida, foram criados os *eons* iluminados e miríades de anjos para auxiliá-los. O primeiro homem, Adão, o paradigma divino do homem, foi criado “a imagem e de acordo com a semelhança d[este] anjo”. Também foram criados, acima da esfera terrestre, os luminares da geração incorruptível: os céus e os firmamentos.

Sobre a criação do mundo e do homem corruptível, Jesus explica que o *eon* que apareceu com a criação do homem incorruptível, “no qual está a nuvem do conhecimento e o anjo, é chamado El”. Este criou os anjos para governarem sobre o caos, o filho do caos Yaldabaoth (Nebro) e Saclas, que em termos setianos é chamado de demiurgo. Saclas, com os seus anjos, criou o homem e a

mulher segundo sua imagem e semelhança para viverem “longamente”. Na interpretação setiana, este Adão terreno foi criado à imagem do Adão celestial. Um pertence à matéria e o outro ao espírito. A esta geração, sem governante, “o Ser Supremo ordenou a Gabriel que cedesse espíritos”, mas àquela, o anjo Miguel ordenou que “emprestasse” o espírito às pessoas para que pudessem servir.

### **1.3 Jesus fala sobre pecado e salvação prestes a ser traído por Judas**

Jesus explica que o espírito foi emprestado às pessoas deste mundo, através do Adão terreno e, por isso, elas possuem, ainda que de forma oculta, o conhecimento da verdade. Mas há aqueles a quem o espírito não foi emprestado, são os combatentes ou governantes que sucumbirão juntamente com suas criaturas. Jesus mais uma vez zomba desta situação, onde os maus serão destruídos. Judas, o 13º discípulo, compreende a ironia de Jesus.

Na página 56, aproximadamente 12 linhas se perderam, mas apesar disso se pode perceber a atenção de Judas às explicações de Jesus. Há os que oferecem sacrifício em nome de Deus e os que sacrificam em nome de Saclas. Estes permanecerão no pecado e, invés de serem salvos como aqueles, sucumbirão à destruição juntamente com os seus governantes. Dirigindo-se a Judas, Jesus explica que o único sacrifício aceitável seria o dele, pois é preciso que a matéria morra para que o espírito ascenda. Judas o compreende e entende que a ele foi dado sacrificar a “carne” do mestre e libertá-lo do “Espírito divino” que ali

se esconde.

No final do texto, Jesus dirige-se a Judas, orientando-o a olhar a nuvem e as estrelas que o rodeiam, pois agora que ele conhece os mistérios saberá também qual é a estrela que aponta o caminho da ascensão até a geração superior. Também aqui, cerca de cinco linhas se perderam, mas provavelmente o texto indica que a Judas foi revelado o conhecimento sobre a geração suprema e com isso ele teria uma grande missão a cumprir: trair Jesus.

Para entender o drama e as cenas que ocorrem no texto, é preciso saber que o evangelho de Judas está ligado à cosmogonia gnóstica, cuja base é dualista e dicotômica.<sup>14</sup> Quando se diz da criação, enquanto “esta geração”, se entende que é a criação enquanto matéria, perdida pela queda e o pecado. Para o gnosticismo a queda aconteceu da seguinte maneira: No princípio era a luz e esta criou a sabedoria, porém a criatura desejou ser semelhante ao criador e desta ambição nasceu a sombra. Esta, ciumenta e invejosa, não suportava a existência de algo mais poderoso do que ela, por isso quis mostrar o seu poder infinito lançando na escuridão uma lama. Antes de subir ao céu, a sabedoria, ou Sofia Pistis, mostrou-se mais poderosa, formou, por seu sopro, Ialdabaoth, ou o demiurgo, e deixou-o como governante “desta geração”. O mundo surge da brincadeira do demiurgo ou o deus inferior com a substância aquosa ou a lama lançada pela sombra. Demiurgo, ao ver o seu poder criador, pensou: “sou Deus e

---

14 Cf. “Sobre a origem do mundo” (Códice II, 5 e XIII, 2 Nag Hammadi). Trad. Port. *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 407-423.

nenhum outro existe além de mim”. A partir daí começou a criar os andrógenos (masculino e feminino) e, para cada um deles, criou também céus inferiores ou esferas menores e exércitos de anjos para servi-los.

## **2. O CONTEXTO HISTÓRICO-FILOSÓFICO DO TEXTO**

Judas, diante de Jesus, viu-se responsável, não só por revelar o mistério divino, mas por libertar o mestre da carne que o prendia. Ao entrar em confronto com a doutrina cristã, o evangelho de Judas foi colocado entre os livros “apócrifos”, por sua influência gnóstica voltada às religiões dos mistérios e por trazer ideias contrárias àquela conservada pela Igreja: uma teologia que trata de duas criações e uma cristologia que trata de separar as duas naturezas de Jesus Cristo, a divina e histórica. Neste sentido, é importante abordar os contextos filosófico-gnóstico, gnóstico-religioso e gnóstico-cristão como o chão do qual brotou o evangelho de Judas.

### **2.1 O contexto filosófico-gnóstico**

O Gnosticismo, ao exaltar o dualismo entre espírito e matéria, bem e mal, alma e corpo, pretendia decifrar o enigma de Deus, da alma humana e do mundo. Nos moldes platônicos, este conhecimento era transmitido a alguns por revelação, de tal maneira que, por arrebatamento, a alma adquire uma consciência clara da verdade, uma espécie de *reminiscência* ou “visão” acerca de sua origem espiritual, de sua prisão neste mundo e do caminho

para a salvação. Trata-se do “conhecimento” sobre a origem, o caminho e o fim da humanidade, como se pode constatar no *Corpus Hermeticum*.<sup>15</sup>

Ao encarnar-se, a alma perde o contato com a luz que a originou, mas não perde a saudade, por isso, na evolução do conhecimento de si e de seu destino, ela vai se aperfeiçoando até se encontrar com o Bem absoluto. Presa ao corpo, ela adquire, por iluminação, o conhecimento de sua pátria natal e, a partir daí, começa sua caminhada de purificação ao habitat celestial. Pela morte, sua carne se dissolve e ela sobe, deixando para trás os males adquiridos durante a prisão: deixa a capacidade de fazer o mal; abandona a cobiça; renuncia aos vícios do poder e da iniquidade; despoja-se do desejo de acumular riquezas e da falsidade. Assim sucessivamente, até que livre de todas as paixões, atinge a última esfera, onde juntamente com as almas que conseguiram ascender, contempla o Bem supremo.<sup>16</sup>

Em o *Banquete*, Platão escreve sobre evolução da alma e o autoconhecimento. Quanto mais ela ama o Bem, mais se liberta das concupiscências que a prendem a este mundo: voltada à beleza dos corpos, ela começa sua viagem procurando atitudes virtuosas ao conhecimento como o amor ao Belo moral e político, até chegar por

---

15 Hermeticum vem de Hermes, deus grego revelador do conhecimento divino. *Corpus hermeticum* é o corpo de testemunhos do gnosticismo ou hermetismo pré-cristão.

16 O processo de subida consiste em passar por sete esferas e, cada uma se vai abandonando as limitações da carne até chegar a oitava onde definitivamente se encontra no mundo celestial. Cf. LOHSE, Eduard. **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 254-255.

fim ao amor à verdade. Neste trajeto vai se purificando da matéria até entrar num estado puramente espiritual. Sublima o amor “do mais fácil e mais baixo, que é o amor sensual a um corpo bonito, ao amor mais elevado, mais exigente e mais puro, que é o Belo em si: o amor divino.”<sup>17</sup> Pelo conhecimento, ela sai da simples opinião à verdade das coisas; da aparência à essência; das ideias inferiores às superiores. Aquele que conhece a verdade comunga da plena luz e interpreta os mistérios da “outra criação” ou perfeição, enquanto o comum divaga nas trevas da ignorância e desta existência.

Apoiando-se em “conhecimentos ocultos” sobre o corpo, a alma e o espírito, os gnósticos platônicos entendiam que a matéria, da qual foi criado o ser humano, é semelhante àquela dos animais e, por isso, é imagem de um deus inferior ou demiurgo, mas a alma, mais evoluída, busca a verdadeira humanidade e, portanto, se assemelha (*homoousios*) ao mundo espiritual, ou o pleroma.<sup>18</sup>

## 2.2 O contexto gnóstico-religioso

Os deuses orientais, donos do destino, ao se adaptarem ao contexto helênico e gnóstico, encarnaram a fragilidade do acaso e diferenciavam-se dos homens em poder e imortalidade; comunicavam-se aos sacerdotes e oráculos, através de sinais e visões secretas. Ao leigo era permitido entrar no santuário, prostrar-se diante das ima-

---

17 SPONVILLE, André C. **O amor**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 62-63.

18 SOUZA, José Neivaldo. **Imagem humana à semelhança de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 48-49.

gens e oferecer-lhes, sobre os altares, seus sacrifícios. A prática dos sacrifícios era comum e, além de ser um dever do cidadão, tinha um caráter mercadológico. Em troca de proteção e fortuna na vida, ofereciam-se holocaustos aos deuses: “As vísceras dos animais mortos eram queimadas no altar, e as partes comestíveis, entregues aos sacerdotes e vendidas como carne no mercado. Não se podia comprar carne que de alguma maneira não tivesse tido contato com o culto”.<sup>19</sup> Esta atitude era muitas vezes questionada pelos gnósticos, entendendo que as imagens e sacrifícios não faziam parte da verdadeira adoração. Sobre a polêmica dos sacrifícios, Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, exorta os cristãos a não praticarem o sacrifício: “Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios” (1 Co 10.20).

Também era comum decifrar o destino pelas observações dos astros, já que as estrelas diziam muito sobre o futuro e as mudanças naturais. Esta força cósmica subjugava os homens e os impelia a respeitá-la. Lohse observa que, segundo esta doutrina, é possível conhecer o destino da alma, o mundo celestial que a aguarda e o mundo terreno de onde ela parte quando se separa do corpo.

Nesta realidade, enfronhada de insegurança, medo e incertezas, as religiões dos mistérios procuravam responder às principais perguntas: Como evitar as catástrofes e viver com saúde e segurança nesta vida e no além? Os cultos eram variados, como eram variados seus deuses.

---

19 LOHSE, Eduard. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 213.

Eram revelados aos iniciados os mistérios sobre a criação, a vida e a salvação da humanidade. Assim como o gnosticismo, as seitas do mistério acreditavam que a matéria é criação de um Éon ou demiurgo mau, por isso sua moral se restringia a conhecer os mistérios ocultos da divindade e libertar-se da matéria decaída. A matéria, criada por um deus inferior, é má e se opõe ao mundo espiritual do Deus verdadeiramente bom.

Os cainitas, uma seita entre os gnósticos religiosos, eram adeptos desta aliança e se caracterizavam por ressaltar os “inimigos” de Deus. Caim, Esaú, os sodomitas, eram os opositores do deus criador “deste mundo” e, portanto, bem aceitos por Marcião e Cerinto, que procuravam eliminar o Antigo Testamento das leituras da Igreja. O Deus veterotestamentário era, para eles, violento e vingativo, diferente do Pai de Jesus, amoroso e compassivo, testemunhado no Novo Testamento. Os cainitas concebiam o personagem de Judas, assim como o de Caim, na Antiguidade, como conhecedor do verdadeiro mistério salvífico. Em outras palavras, Judas, assim como Caim, até então visto como “sombrio” e “traidor”, tanto por cristãos quanto por judeus, é acolhido pelos novos “conhecedores do mistério” como “iluminado” e “libertador”.

### **2.3 A teologia gnóstica cristã**

Em alguns aspectos, os gnósticos cristãos se assemelhavam, em doutrina, às religiões do mistério. Apesar de não aceitarem o Antigo Testamento, alguns personagens eram simpáticos pelo fato de contestarem o seu Deus

e constatarem que ele é limitado e inferior. Alguns gnósticos cristãos como: Marcião, Saturnino, Basíledes de Alexandria e Cerinto foram contestados e tidos como hereges pela ortodoxia cristã.

No puro estilo *docético*<sup>20</sup>, eles não só colocaram em dúvida a máxima cristológica: “humanamente Deus e divinamente humano”, mas também o próprio testamento dos judeus. Segundo eles, Deus, o Sumo bem, não poderia se moldar à matéria inferior e corruptível; o máximo que poderia fazer é “aparecer” em forma humana, como está subtendido no evangelho de Judas. Para os marcionistas, o salvador não foi verdadeiramente homem, não sofreu, não morreu e nem ressuscitou, pois jamais o Verdadeiro, Imortal e Eterno, se sujeitaria à corrupção da carne e tampouco voltaria ressureto a este mundo corruptível. Segundo Marcião, há uma diferença entre o Deus dos judeus e o de Jesus Cristo: o primeiro é o demiurgo, um deus inferior, criador da matéria corruptível, cujas obras estão relatadas na *Torah*, e o segundo é o verdadeiro, espiritual e infinito, que “aparece” em forma humana para ensinar à humanidade o caminho da salvação. Em sua teologia, ele liga a Criação à matéria, como produto da queda, por isso entendia que ela é destituída do Espírito. Alguns estudiosos afirmam que o evangelho de Judas foi influenciado pelo pensamento marcionita, na segunda metade do século II, e serviu como instrumento de opo-

---

20 A palavra grega *dokeo* quer dizer “parecer” ou “aparecer”. De influência gnóstica, esta corrente cristã do segundo século, foi classificada pela Igreja como herética, pois desvirtuava a verdade sobre a encarnação de Cristo relegando-a “sombra” ou “imagem”. A “encarnação” foi tomada como “aparição”.

sição ao Cristianismo ortodoxo.<sup>21</sup>

Nesta trilha, Saturnino defendia que é impossível o salvador nascer de uma mulher e possuir corpo. Não se pode falar de “encarnação” de Deus, mas sim de “aparição” em forma humana. Também Basíledes e Cerinto entendiam que o corpo, como toda matéria, é finito e corruptível, portanto a salvação que é eterna não atinge senão o espírito. Cerinto acrescentava que Jesus nascera de um casal comum, porém sua superioridade sobre os humanos, em justiça, prudência e sabedoria, “mostrava” ou “parecia” o espírito incógnito. Para ele, na morte de Jesus, o espírito do Pai retirou-se abandonando o corpo mortal, porém se o homem foi humilhado e levado à morte de cruz, o divino não foi atingido; ele se retirou para o reino celestial, devido a sua natureza espiritual e imortal.

Esta teologia, compreendida como herética pela maioria dos Pais da Igreja, concebe a criação como inferno, e o Reino, anunciado por Jesus, o céu. Cristo é o salvador e, Jesus, como o Hermes grego, interpreta a mensagem divina à humanidade; é via do conhecimento superior, através do qual o iluminado discerne a verdade revelada. Por ressaltar o dualismo, real e aparência, a gnose cristã se aproxima das religiões dos mistérios que também adotam a postura dicotômica: mistério e imagem. Qualquer religião que submeta o mistério, bom e perfeito, ao mundo material ou imagético é inferior e ignorante, pois entre o perfeito e imperfeito, o infinito e o finito, há um

---

21 Cf. FLUCK, Marlon R. “Evangelho de Judas” in **Via Teológica**. N. 14, Curitiba, FTBP, 2006, p. 100.

abismo intransponível.

### 3. A TEOLOGIA CRISTÁ DOS PRIMEIROS SÉCULOS: FORTALECIMENTO DA UNIDADE

Teólogos cristãos dos primeiros séculos viram a necessidade de combater essas doutrinas e todas as literaturas que surgiram daí, o evangelho de Judas principalmente, entendendo que elas não vieram dos apóstolos e se mostram confusas, circulando entre a religião oficial dos judeus, o sincretismo das religiões dos mistérios e o gnosticismo do mundo helênico-romano. Os primeiros apolo-gistas tinham clara uma coisa: deveriam defender a Uni-dade: matéria e forma; carne e espírito a fim de orientar o cristão a uma doutrina condizente com os ensinamentos de Jesus Cristo. Nele Deus se faz realmente humano e o homem é exaltado à verdadeira semelhança de Deus (Cl 1.15-16).

Para alguns autores, no primeiro século da Igreja já se constatava o sincretismo entre gnosticismo e alguma seita ligada aos mistérios. De fato, em Atos dos Apóstolos 8.9-24 a figura de Simão, o mago, expressa bem esta crença: ele se dizia “revelador” da salvação divina. Ao comen-tar sobre este personagem, o historiador cristão Eusébio de Cesareia, em sua obra *História Eclesiástica*,<sup>22</sup> escreveu: “foi o primeiro chefe de todas as heresias deixando ao seu sucessor Menandro o poder de atingir o ápice da magia e ultrapassá-lo por prodígios maiores: Afirmava ser o Sal-

---

22 EUSÉBIO DE CESAREIA. “História eclesiástica” in *Patrística*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 88-90. Sobre Menandro, cf. p. 149.

vador enviado outrora do alto, desde os séculos invisíveis, para a salvação dos homens”. Em outras palavras, Simão seria mais uma “aparição” do salvador.

Bem difundida nas primeiras comunidades cristãs, esta doutrina gnóstico-religiosa se misturava aos testemunhos sobre Jesus Cristo, por isso foi alvo de contestação, como se pode ver a princípio, nas cartas católicas e algumas paulinas, onde se exorta à perseverança em oposição aos falsos mestres cujo discurso contradiz a divindade de Jesus.<sup>23</sup>

Para os Pais da Igreja, os apócrifos gnósticos não apresentam uma unidade e tampouco se preocupam em colocar como protagonista a pessoa de Jesus Cristo. No drama de Judas, por exemplo, Jesus é um personagem inusitado, não porque morre na cruz pelos pecados da humanidade, mas porque, como mestre dos mestres, e ao estilo de Sócrates, leva a pessoa a se deparar com sua própria ignorância para daí começar seu discernimento entre o bem e o mal; verdade e ilusão.

Os Pais canônicos se preocuparam com a “Unidade” dos testamentos e dos “Testemunhos apostólicos”. Clemente romano, Inácio de Antioquia, Justino de Roma, Irineu de Lião, Atanásio e Agostinho de Hipona foram severos na defesa da unidade. Para eles, Jesus é o protagonista do drama da salvação. Ele é “divinamente homem e humanamente Deus”.

Clemente romano, colaborador de Paulo (Fp

---

23 Cf. 2Pd 2.1-3; 1Jo 4.1-6; 2Jo 7-11; Jd 3-23.

4.3),<sup>24</sup> observava que só em Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, se pode conhecer a verdade sobre a salvação. Na carta aos coríntios ele lembra que Jesus é o sumo sacerdote, nesta pessoa a humanidade contempla a imortalidade divina.<sup>25</sup>

Inácio de Antioquia, nessa linha, também aponta para a unidade observando que Cristo está no pensamento do Pai e a Igreja no pensamento de Cristo. Nesta certeza, exorta os efésios a caminharem de acordo com o pensamento trinitário, pois eles são “as pedras do templo do Pai (...) levantadas até o alto pela alavanca de Jesus Cristo” e pela “corda que é o Espírito Santo”.<sup>26</sup> Nas vésperas de seu martírio, ele adverte aos tralianos sobre os falsos mestres, argumentando que Jesus não é uma mera “imagem” de Deus e seu sofrimento, tampouco é pura “aparência”, mas é a promessa da encarnação divina: “Deus prometeu a unidade, que é ele mesmo”.<sup>27</sup>

Justino de Roma, como Inácio, defendeu a unidade cristã em sua apologia. À luz de Mateus (11.27), defendeu que “o Verbo de Deus é seu Filho”.<sup>28</sup> Para ele, os cristãos são regenerados pelo batismo na Trindade, em

---

24 Para Orígenes, Clemente romano está na lista de Paulo como seu colaborador (*De principiis* 2,3,3.)

25 Cf. CLEMENTE ROMANO. “**Cartas aos Coríntios**” in *Patrística*. São Paulo: Paulus, 1995, II, 36, 1.

26 INÁCIO DE ANTIOQUIA. “**Cartas aos efésios**” in *Patrística*. São Paulo: Paulus, 1995, IX, I.

27 INACIO DE ANTIOQUIA. “**Cartas aos Tralianos**” in *Patrística*. São Paulo: Paulus, 1995, X; XI, I; cf. INACIO DE ANTIOQUIA. “**Cartas aos Esmirniotas**”, II.

28 JUSTINO DE ROMA. “**I e II Apologias**” in *Patrística*. São Paulo: Paulus, 1995, n. 63.

resposta àqueles que, influenciados por outras doutrinas, ensinavam que a alma deve se preparar para deixar o corpo e retornar à pátria divina através de práticas de abluções e batismo.<sup>29</sup> Para Justino, no batismo a alma se fortalece e renasce em Cristo, não para “negar” este mundo, em favor do mundo vindouro, mas para “vencer” e ser regenerada numa nova vida. A salvação, segundo ele, é para todos aqueles que, pela fé, aceitam a unidade na Trindade.

No século II, Irineu de Lião, em sua obra *Contra as Heresias*, contesta algumas dessas seitas gnósticas: barbelonitas, Setianos e Cainitas. Segundo ele, os *barbelonitas* supõem um Éon virginal, chamado Barbelo, onde se encontra também um “Pai inefável”. Barbelo concebeu uma luz, “princípio da iluminação... é o Cristo”<sup>30</sup> do qual surge a gnose perfeita. Para “esta geração” afirmam, segundo Irineu, que de Sofia saiu a Ignorância ou “Artífice” das potências terrenas. Unindo-se à Presunção, “gerou a Iniquidade, o Ciúme, o Homicídio, a Vingança e a Paixão”, eis o criador do qual fala o Antigo Testamento: “Eu sou um Deus ciumento e afora eu não há nenhum”.<sup>31</sup>

Para Irineu, esta presunção, do ponto de vista dos *setianos*, é do Ialdabaoth, do qual nasceu um filho, contorcido como serpente. O verdadeiro Filho, o Cristo, é irmão de Sophia. Ao descer a “este mundo”, revestiu-se da

---

29 I *Apologia*, n. 65.

30 IRINEU DE LIÃO. “*Contra as Heresias*” in *Patrística*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1995, I, 29,1.

31 IRINEU, 1995, p. 112-113. As citações do AT são: Êx 20,5; Is 45,5-6; 46,9.

irmã e foi assim que nasceu Jesus Cristo. Desconhecido pela maioria dos discípulos, Jesus anuncia o Pai “desconhecido” e se declara Filho do Primeiro Homem: “Irritados, os Principados e o Pai de Jesus fizeram de tudo para matá-lo e quando era levado à morte o Cristo e Sofia se retiraram no Éon incorruptível, afirmam eles, e somente Jesus foi crucificado”.<sup>32</sup>

Os *cainitas*, segundo Irineu, dizem que da Potência Suprema deriva Caim, Esaú, Coré, os sodomitas e aceitam Judas Iscariotes, entre os discípulos, como o conhecedor desta verdade e, por isso, devia cumprir o “mistério” através do ato da traição: “dizem que Judas, o traidor, sabia exatamente todas estas coisas e por ser o único dos discípulos que conhecia a verdade, cumpriu o mistério da traição e que por meio dele foram destruídas todas as coisas celestes e terrestres. E apresentam à confirmação um escrito produzido por eles, que intitulam o Evangelho de Judas”.<sup>33</sup>

Em seu debate com os gnósticos valentinianos, Irineu observou que a verdadeira *gnose* não nega a criação e a humanidade de Deus. O bispo de Lião apresenta a tradição “histórica” dos apóstolos como fundamento da verdadeira doutrina e defende que, se os apóstolos tivessem conhecido os “mistérios” absolutos, estes seriam ensinados à liderança da Igreja em primeiro lugar.<sup>34</sup> Irineu defende a unidade trazendo o conceito de “recapitulação” em Cristo: “É dele que a Escritura diz: “E Deus modelou

32 IRINEU, 1995, I, 30,12; I, 30, 13.

33 IRINEU, 1995, I, 31,1.

34 IRINEU, 1995, V, III, 3,1.

o homem do barro da terra, e insufflou na sua face uma respiração de vida”<sup>35</sup>.

Atanásio, bispo influente de Alexandria no século IV, seguiu as ideias de Irineu e fez a “última peneira”, separando assim os 27 livros “autênticos” que compõem o Novo Testamento, deixando de lado aqueles cuja doutrina era duvidosa. A escolha criteriosa deveria fortalecer a fé da Igreja e acentuar a figura de Jesus como o Messias de Deus, anunciado no Antigo Testamento pela lei e os profetas.<sup>36</sup> O Messias de Deus é, na perspectiva de Atanásio, o Verbo do Novo Testamento “que se manifesta em todas as coisas e ostenta em toda a parte o seu poder, que ilumina todas as coisas, visíveis e invisíveis, que as contém e as reúne nele; e não deixa nenhuma fora do seu poder, mas vivifica e guarda todas as coisas, e por toda a parte, e cada uma isoladamente, e todo o universo conjuntamente.”<sup>37</sup>

Para os Pais da Igreja, todo escrito, fora dos moldes da harmonia, Antigo e Novo Testamento, Jesus e Cristo, criação e salvação lança fora a unidade e, por isso, deve ser considerado “anátema”. Nos meados do segundo século II e início do III, depois que a maioria das cartas e documentos do Novo Testamento fora organizada, apareceram

---

35 Cf. IRINEU, 1995, II, IV, 20, 1.

36 Cf. “O Evangelho de Judas” em **National Geographic**. Maio 2006. Ano 7. N. 74, p. 40-57.

37 SANTO ATANÁSIO. “**Contra os Pagãos**” in **Patrística**. São Paulo: Paulus, 2002, n. 42, p. 107.

os evangelhos<sup>38</sup> e a estes foram adicionados o Antigo Testamento como história preparatória para a salvação que haveria de vir em Cristo Jesus.

Santo Agostinho, no século V, deu mais importância aos quatro evangelhos, observando que eles comunicam toda verdade sobre Deus. Neles, Deus se revela como humano fazendo-se humanidade; neles, a palavra divina repercute na intimidade e todos podem crer e encontrar a verdade eterna; neles, “o bom e único Mestre” ensina a todos, como se fossem seus discípulos.<sup>39</sup> No Novo Testamento, Deus não se opõe à criação, mas se comunica nela. Assim, na figura de Cristo, os mistérios divinos são comunicados e nele o ser humano recebe a graça da divinização.

Foram necessários três séculos para a definição dos livros sagrados e sua ordem. A ortodoxia enfrentou fortes pressões: de um lado, os dualistas gnósticos ou aqueles que acreditavam que o conhecimento é puramente espiritual e que, através dele, o ser humano deve salvar sua alma, libertando-se de toda prisão material; do outro lado, os judaizantes monistas criam que a libertação é histórica e *Iahweh* não se mistura ao *Logos* dos gentios. Tanto um

---

38 QUESNEL observa que as cartas de Paulo, principalmente as autênticas: Romanos, Coríntios, Gálatas, Filemon, 1<sup>a</sup>. Tessalonicenses e Filipenses que foram redigidas entre 50-67 são os escritos mais antigos do Novo Testamento. Estas obras, antes de serem organizadas no cânone, eram a literatura cristã mais antiga existente. Cf. QUESNEL, Michel. **Paul et les commencements du christianisme**. Paris: Desclée de Brouwer, 2001. Tradução portuguesa: São Paulo: Paulinas, 2004, p. 111.

39 Cf. SANTO AGOSTINHO. “**Confissões**” in **Os Pensadores**. Vol. VI. São Paulo: Victor Civita, 1973, XI, 8, 10.

quanto o outro procurava dividir o que a hierarquia eclesiástica insistia em conservar: a Unidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evangelho de Judas não traz novidade; sua intenção é mostrar a novidade dos mistérios ensinados por Jesus Cristo. Quem estuda teologia, vez por outra se depara com questões suscitadas por ele que ocupam mesas de debates nos cursos de teologia e nas igrejas cristãs. Algumas questões, levantadas pelo texto, abrem para discussões mais atuais no âmbito da teologia sistemática, como por exemplo: criação, pecado e salvação.

1. Na perspectiva do evangelho de Judas, o entendimento sobre a criação traz uma cosmovisão gnóstica com traços da religião dos mistérios e do cristianismo nascente de influência helênica. Salta aos olhos o dualismo entre bem e mal que se manifesta, não só na ideia de duas criações, espiritual e material, mas também nas concepções de divino e humano, superior e inferior que no *Docetismo* não tem nenhuma relação a não ser como o divino “aparece” na terra. Sob esta orientação, a criação terrena é chamada de “esta geração” e o criador “deste” mundo: “deus inferior” e para a criação perfeita o Criador é o Deus de Jesus Cristo. Neste sentido, a criação humana é uma prisão e nem todos podem se libertar dela. Os iluminados pelo Criador podem conhecer os mistérios da criação, porém a muitos não foi dada esta chance, por isso não retornarão à pátria espiritual, continuando na prisão do corpo e na ignorância da mente.

2. Na perspectiva de que “as trevas não têm poder sobre a luz” e que Jesus apresenta a esta humanidade a verdadeira criação, o autor do evangelho de Judas entende que o pecado está na ignorância. A alma, mergulhada nas trevas, não sai da simples opinião da aparência das coisas e da ignorância em relação aos mistérios do reino ideal. O evangelho de Judas tem o seu valor e faz pensar sobre algumas questões referentes à ignorância acerca do pecado: dor e sofrimento; sacrifício violência. Os gnósticos, assim como os evangelistas, questionavam a religiosidade que ligava a dor e o sofrimento ao pecado (Jo 9.1-3). Nesta linha, o evangelho de Judas reforça a ideia de que o pecado é espiritual e se manifesta também em pessoas sem alguma anomalia e que se pensam muito sadias, como é o caso dos discípulos. Jesus percebia que, muitas vezes, não eram os discípulos que agiam, mas um “daimon” interior, por isso propunha o autoconhecimento como forma de libertar-se desses males, isto é, forma de lidar, sem dúvidas ou irritação, com as agruras da existência humana.

O Evangelho de Judas comunga a ideia neotestamentária: “misericórdia quero, e não sacrifício” (Mt 9.13) em oposição aos sacerdotes e doutos da religião hebraica na época de Jesus. Eles justificavam o sacrifício, ainda que alguns profetas do Antigo Testamento o condenassem (Is 1.11; Os 6.6). Deus não quer sacrifício, mas conhecimento da misericórdia. O verdadeiro Deus, de Jesus Cristo, às vezes é interpretado como uma entidade inferior, mais conveniente ao ser humano. O Deus verdadeiro ama e perdoa (Mt 9.13), mas exige que “parem de sacrificar”.

Jesus apresenta o Deus verdadeiro e o evangelho de Judas não se opõe a isso. O autor traz à tona o tema da oposição entre paz e violência, como fruto do pecado. O fato de Jesus “aparecer” em “forma de uma criança” diz respeito ao seu projeto de revelar a paz. É uma alusão ao episódio do evangelho de Mateus (19.4) onde o mestre aponta para a humildade das crianças, gesto dos pacificadores, dignos de serem chamados “filhos de Deus” (Mt 5.9). A novidade de Jesus, no evangelho de Judas, aponta para uma humanidade melhor, onde o amor vence a violência e conseqüentemente o pecado.

3) O Evangelho de Judas tem o seu valor, porém, quando se trata do problema soteriológico, desafina em relação à teologia oriunda dos apóstolos. No evangelho de João, Jesus é entendido como o “caminho” (Jo 14.6), mas este conceito vai além de uma “travessia” ou “meio”, como entende o evangelho de Judas. Jesus não é somente um “revelador” do Reino de Deus e da Criação verdadeira, mas é a salvação em pessoa.

No gnosticismo cristão, o mensageiro do reino espiritual é Cristo, ser imortal, sem nenhuma relação com o “filho de Deus” do Antigo Testamento. Ele, em “aparência” humana, no homem Jesus, veio ensinar os mistérios da salvação àqueles a quem foi dada a graça de aprender. Ao gnosticismo em geral, às religiões dos mistérios e, conseqüentemente ao evangelho de Judas que, nos primeiros séculos, misturavam-se aos escritos chamados “inspirados” e circulava livremente pelas comunidades, a Igreja cristã respondeu fortalecendo sua confissão de fé trinitária.

ria, principalmente a soteriologia: Jesus não veio só para redimir a humanidade de seus pecados, mas para ensinar a verdade de Deus, que não se fundamenta em sacrifícios e violência e, tampouco, supervaloriza o pecado. A misericórdia e o conhecimento de Deus, como anunciaram os profetas, no Antigo Testamento, é o que identifica uma religião verdadeira, preocupada com a salvação.

Enxergar o evangelho de Judas como uma literatura de valor histórico, filosófico e religioso, ajuda a perceber que o pensamento pode ser construído de forma interdisciplinar e que a Igreja não perde nada com isso. Controvérsias sempre existiram e fazem parte do debate que possibilitou a organização, não só do cânone cristão, mas de toda a Bíblia. Ter uma visão onde Judas é o amigo mais próximo, que viu em Jesus o que os outros não conseguiram perceber, o Reino de Deus, e que, a pedido do próprio mestre, entregou Jesus à morte para que se cumprisse a missão divina, não diminui o valor da graça.

É uma posição que provoca, ainda hoje, uma séria reflexão teológica face ao fundamentalismo bíblico que, muitas vezes, adota um dualismo ainda mais pernicioso do que o apresentado por Judas. O evangelho de Judas oferece uma nova hermenêutica aos quatro evangelhos acerca de Jesus e o anúncio do Reino de Deus. À luz deste evangelho, o conceito “Reino de Deus” não diz respeito a uma imposição religiosa ou moral superior a qualquer religião, judaica ou grega, mas a algo que interessa a todos, como escreve Juan Arias: “o salto da atual espécie

humana a outra, diferente, não baseada nos cânones da violência”.<sup>40</sup>

## REFERÊNCIAS

**Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia.** São Paulo: Novo Século, 2004.

ARIAS, Juan. **O grande segredo de Jesus.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CLEMENTE ROMANO. “**Cartas aos Coríntios**” in **Patrística.** São Paulo: Paulus, 1995.

EUSÉBIO DE CESAREIA. “**História eclesiástica**” in **Patrística.** São Paulo: Paulus, 2000.

FLUCK, Marlon R. “Evangelho de Judas” in **Via Teológica.** N. 14, Curitiba, FTBP, 2006.

GUSSO, Antonio Renato. “Evangelho de Judas” in **Via Teológica.** N. 14, Curitiba, FTBP, 2006.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. “**Cartas aos efésios**” in **Patrística.** São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. “**Cartas aos Tralianos**” in **Patrística.** São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. “**Cartas aos Esmirniotas**” in **Patrística.** São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. “**Contra as Heresias**” in **Patrística.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 1995.

---

40 ARIAS, Juan. **O grande segredo de Jesus.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 14-15.

JENKINS, Philip. **A próxima cristandade**: a chegada do cristianismo global. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JUSTINO DE ROMA. **“I e II Apologias” in Patrística**. São Paulo: Paulus, 1995.

KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. **O Evangelho de Judas**. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Prestígio, 2006.

LOHSE, Eduard. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

QUESNEL, Michel. **Paul et les commencements du christianisme**. Paris: Desclée de Brouwer, 2001. Tradução portuguesa: São Paulo: Paulinas, 2004.

SPONVILLE, André C. **O amor**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SANTO AGOSTINHO. **“Confissões” in Os Pensadores**. Vol. VI. São Paulo: Victor Civita, 1973.

SANTO ATANÁSIO. **“Contra os Pagãos” in Patrística**. São Paulo: Paulus, 2002.

SOUZA, José Neivaldo. **Imagem humana à semelhança de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2010.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença  
Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0  
Internacional

